



O GRITO DE GONÇALVES DIAS EM O CANTO DO PIAGA – UMA ABORDAGEM DA TEORIA PÓS-COLONIAL

Fabrcio César de Aguiar¹

RESUMO: O estudo em questão visa propor uma discussão, através da análise do poema “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, sobre a postura do colonizador europeu em relação aos nativos da América do Sul, mais precisamente a relação estabelecida entre os portugueses e os índios, destacando a maneira como esta relação foi maléfica para os nativos sul-americanos. Tendo em mente que os colonizadores viam na antiga colônia um local com grande capacidade para exploração, tanto material quanto humana, estes se olhavam de maneira superior em relação aos índios, postura esta que os fizeram subestimar os povos aqui encontrados, gerando assim uma visão bem negativa dos colonizadores referente às suas atitudes, as quais repercutiram em vários campos do conhecimento, inclusive nas artes, como no caso do poema em questão.

PALAVRAS-CHAVE: literatura pós-colonial; outremização; zona de contato;

1 INTRODUÇÃO

A análise aqui proposta irá se embasar a partir dos conceitos da teoria pós-colonial, visando a uma postura interpretativa político-ideológica estruturada na relação entre discurso e poder. Essa teoria começou a destacar-se no final do século XX e, segundo Bonnici (1998, p.10), “desde sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como “selvagens”, “primitivos” e “incultos”. Os principais críticos desta tendência buscam desenvolver suas análises sem a utilização dos já conhecidos métodos tradicionais, passando a abordar com olhares ainda não “viciados” textos já analisados pela forma tradicional e, muitas vezes, encontrando nestas obras outras releituras. Desta forma, segundo Bonnici, os críticos pós-coloniais

criticam as epistemologias modernas fundacionistas e desmascaram a situação contingente, particular e histórico daquilo que até o passado recente era considerado como necessário, universal e a-histórico. Contudo, nesse processo, os pós-colonialistas adotam certas teorias que assemelham às *metanarrativas* rechaçadas pelos pós-modernistas. Essas *metanarrativas* contêm aspectos essenciais e a-históricos; não levam em consideração as diversidades históricas e culturais; universalizam aspectos do teórico em questão no que diz respeito à época, ao tipo de sociedade, à cultura, à classe, ao grupo étnico. Contudo, certas exigências e pressões políticas quebram o arcabouço das “metanarrativas” pós-coloniais. (BONNICI, 2005, p. 46)

¹Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. fabriciomustaine@gmail.com

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com um caráter descritivo-analítico, através da identificação, descrição, classificação, interpretação e, principalmente, a busca de uma análise sem a interferência subjetiva, na medida do possível, buscando a objetividade do estudo. Sendo assim, para iniciar a discussão faz-se necessário ressaltar e explicar teoricamente alguns termos que serão utilizados na análise em questão, visto que são conceitos específicos da teoria Pós-colonial.

Para a nossa abordagem, a primeira definição necessária a ser esclarecida é a da “zona de contato”, a qual trata do contato colonial estabelecido entre pessoas de localizações geográficas distintas, em contato no mesmo espaço geográfico, onde culturas diferentes se encontram, enlaçam-se, chocam-se, ocorrendo, porém, uma troca de culturas não de maneira igualitária, mas assimétrica.

Desta forma, fica evidente que no choque estabelecido nas zonas de contato, caracterizado pela interação cultural como uma via de mão única, ou seja, não pela troca de culturas como deveria ser, mas pela transmissão e predomínio de apenas uma das culturas, o processo pelo qual o discurso colonial fabrica o “outro”, cria o processo de “outremização” (denominação da crítica pós-colonialista), segundo Bhabha

O poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em “outro” e ainda inteiramente conhecida e visível. Isto assemelha-se a um tipo de narrativa em que a produtividade e circulação de matérias e signos encontram-se ressaltadas numa totalidade reformada e reconhecível. (BHABHA, 1991, p.186)

Instaura-se, assim, uma situação na qual se tem apenas um ser na posição de Sujeito, agente da ação, que determina uma relação assimétrica, porquanto o outro em questão será rebaixado e encarado como subalterno. Cria-se, assim, um discurso poderoso e “verdadeiro”, privando o outro do discurso e do poder que possa existir neste contato, inferiorizando-o, tornando-o um mero objeto em relação ao agente, tornando-o “outro”. Segundo Bonnici

Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem à uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. (BONNICI, 2005, p. 230)

Evidencia-se o motivo de que os colonizadores farão uso para subestimar os nativos e sua cultura local. Os colonizadores certificavam-se de que na antiga colônia havia um local com vasto potencial para exploração, tanto material quanto humana, passando a inferiorizar os seus habitantes para melhor tirar proveito de suas riquezas. Por este motivo, os colonizadores olhavam-se de maneira superior em relação aos índios. As gerações de europeus convenciam-se de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios, como comprovam algumas descrições feitas pelos colonizadores europeus, por exemplo, no relato do português Pero Vaz Caminha, endereçado ao Rei de Portugal, ao tecer comentários sobre o índio e sua cultura:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. (CAMINHA, 2002, p.33)

Do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva. (CAMINHA, 2002, p.56)

Anais Eletrônico

VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar

CESUMAR – Centro Universitário de Maringá

Editora CESUMAR

Maringá – Paraná - Brasil

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, 2002, p.73)

Relatos deste tipo foram frequentes sobre os povos colonizados. Destacam-se também as descrições do explorador espanhol Cortez, ao relatar a atitude dos nativos da América Espanhola:

nos comportamentos e relacionamentos, essa gente tem quase os mesmos modos de viver que na Espanha, e há tanta ordem e harmonia quanto lá; e, considerando que são bárbaros e tão afastados do conhecimento de Deus e da comunicação com outras nações racionais, é uma coisa admirável ver a que ponto chegaram em todas as coisas. (TODOROV, 1991, p. 124)

Depreende-se que é clara a maneira com que os exploradores olharam para os nativos, retratando-os sempre como inferiores, ou povos “bárbaros”, “sem conhecimento de Deus”, o que é um profundo engano. Esses povos tinham sua própria religião, e também os classificando como “afastados das nações racionais”, como se estas fossem apenas as nações européias.

Desta forma, percebem-se nos relatos dos conquistadores os traços de objetificação do outro, a relação entre Outro/outro, ou seja, a outremização, como afirma Todorov, (1991, p.126): “nesse caso, o outro era reduzido, pode-se dizer, ao estatuto de objeto”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise aqui proposta será feita com base em um texto da literatura brasileira sob o aspecto pós-colonial, sendo classificadas como textos desta vertente as produções literárias dos povos colonizados entre o século XV e XX pelo imperialismo europeu, e influenciados, direta ou indiretamente, pelo contato com o colonizador desde seu primeiro momento. Deste modo, enquadra-se nesta abordagem o poema em questão, intitulado “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, o qual retrata a postura do colonizador europeu em relação aos nativos da América do Sul, mais precisamente a relação estabelecida entre os portugueses e os índios, destacando-se a maneira como esta relação foi maléfica para os nativos, o que ocasionou a criação de uma imagem negativa em relação à figura dos colonizadores, imagem esta que repercutiu em vários campos do conhecimento, inclusive nas artes, como no poema “O canto do Piaga”, de Gonçalves Dias.

Para iniciar a análise, é essencial inserir o texto em seu contexto de produção e ambientá-lo com o máximo de informações que sejam necessárias a compreensão do texto em seu conjunto, embasando esta abordagem com base na teoria de Michel Foucault, a qual

une o ceticismo referente ao discurso e à abordagem histórica da interpretação. Reconhece que o discurso, escrito ou oral, jamais poderia estar livre das amarras do período histórico em que foi produzido, ou seja, o discurso está inerente a todas as práticas e instituições culturais e necessita da agência dos indivíduos para poder ser efetivo. (FOUCAULT *apud* BONNICI, 2005, p. 223)

Desta maneira, é válido ressaltar que o poema “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, foi composto na primeira metade do século XIX e publicado em 1846 na obra intitulada “Primeiros Cantos”. Trata-se de um poema pertencente ao conjunto de textos da primeira fase da poesia do Romantismo brasileiro, a qual possuiu um forte nacionalismo, devido ao fato desta fase se iniciar logo após a Independência do Brasil, mudança histórica muito relevante que o país deixava de ser colônia de exploração para tornar-se,

ao menos teoricamente, uma nação independente. Devido a esta liberdade emancipatória recente para a época, percebe-se como característica comum em vários textos deste período uma necessidade de se falar das coisas sobre “nossa terra”, por isso os textos deste período são compostos com bases em características e ambientações que representam a nossa “Cor Local”, ou seja, nossas culturas em geral, fauna e flora.

Sendo assim, percebe-se porque o poema possui a valorização de nossa “cor local”, visto que a tribo Tupi, citada no poema em questão, foi uma das maiores e mais antigas tribos da América do Sul, sendo destacada em diversos textos literários por características como: a honra, a coragem, a força guerreira. Paralela à temática da exaltação dos nativos, também se destacam textos que retratam fatos ocorridos nos primeiros séculos da colonização, como o poema em questão, o qual revela o choque na zona de contato entre os povos indígenas nativos da América do Sul em contato com o colonizador europeu.

O poema mostra como o Piaga, o qual era uma espécie de sacerdote e sábio, é surpreendido por uma voz que vem na forma de um fantasma horrendo dar-lhe a notícia de uma transformação cruel e brutal que está ocorrendo naquelas terras, transformação esta que até a natureza já percebeu, como nota-se nos versos *“Tu não viste nos céus um negrume / Toda a face do sol ofuscar; / Não ouviste a coruja, de dia, / Seus estrídulos torva soltar? / Tu não viste dos bosques a coma / Sem aragem – vergar-se e gemer, / Nem a lua de fogo entre nuvens, / Qual em vestes de sangue, nascer?”*. Percebe-se uma mudança muito negativa na ambientação, pois os céus escurecem ofuscando a face do sol, e para complementar esta imagem negativa, têm-se a descrição de uma coruja estridente, símbolo de mau agouro, de azar. Esta visão negativa é associada à toda destruição trazida pelo explorador, o qual, aqui matou aqueles que o desobedeciam, roubou tudo que pôde, pois pensava ser dono destas terras, enfim, destruiu uma cultura riquíssima de séculos apenas para sanar seus desejos gananciosos e egoístas. Sabe-se que os europeus tiveram que cruzar o mar para sair da Europa e chegar à América. Assim, isto é associado no poema, pois a agente desta destruição é associado a um monstro marinho, como observa-se nos versos: *“Oh! quem foi das entranhas das águas, / O marinho arcaçou arrancar? / Nossas terras demanda, fareja... / Esse monstro... – o que vem cá buscar?”*.

Esta visão negativa do europeu reflete a relação assimétrica estabelecida na zona de contato, instaurando-se uma relação entre Sujeito/objeto, neste caso entre o agente explorador e o povo explorado que passa a ser objetificado através do processo de outremização. Nota-se que este processo possui alguns níveis presentes no poema. Primeiramente têm-se a exploração física do território, feita de maneira violenta e destrutiva, como fica destacado nos versos *“Vem matar vossos bravos guerreiros, / Vem roubar-vos a filha, a mulher! [...] / Vem trazer-vos algemas pesadas, / Com que a tribo Tupi vai gemer; / Não de os velhos servirem de escravos / Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!”*. Logo após, temos um segundo estágio de outremização, sendo este o da degradação do nativo e de sua cultura, quando são desrespeitados os costumes locais e impostos os do colonizador (o Outro), como se exemplifica nos versos: *“Vem trazer-vos cruzeira, impiedade - / Dons cruéis do cruel Anhangá; / Vem quebrar-vos a maça valente, / Profanar manitôs, maracás.”*. Sabendo que “manitôs” são espécies de deuses da religião indígena, e que os “macarás” são espécies de chocalhos utilizados nos rituais religiosos, fica evidente aqui a desvalorização e destruição dos elementos sagrados dos rituais indígenas. No entanto, percebe-se aqui uma metonímia, pois estes elementos sagrados descritos podem ser lidos como alguns objetos que podem representar de maneira geral toda a cultura nativa que fora desprezada e destruída. Estes fatos caracterizam-se como um caso de transculturação na zona de contato, ou seja, da transmissão da cultura dos grupos dominantes aos grupos dominados feita de maneira imposta e violenta, através de um tratamento coercivo e desigual em relação às partes envolvidas.

Este tipo de atitude crítica é essencial para que venham à tona os abusos cometidos e para que esta realidade cruel seja conhecida, porém para que não se repita novamente.

4 CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, evidencia-se a grande importância do referencial teórico proporcionado pela Teoria Pós-colonial, o qual auxiliou em muito os estudos teórico-críticos relacionados aos textos artísticos, sendo uma nova e interessante proposta de abordagem. Ressalta-se também todo o aprendizado obtido como reflexo do trabalho para desenvolvimento do estudo em questão, o qual objetivou fazer um recorte para análise de um poema de um autor representativo para a literatura nacional. No entanto, sabe-se que um texto rico como este não está esgotado em suas possibilidades de leituras, podendo vir a ser revisitado com base em outras teorias e leitores com os mais variados repertórios. Assim, nota-se que a vida é composta de referências e releituras de determinadas situações. Desta forma, quem possui mais conhecimento, leituras, experiências, um universo mais amplo e um maior contato com as variadas áreas do conhecimento, tem muito mais chance de percebê-las.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **A Questão do Outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo.** In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.177-203.

BONNICI, Thomas. **Conceitos Chave da teoria pós-colonial.** Maringá, PR: Eduem, 2005

_____. **Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais.** Mimesis, Bauru, v.19, n. 1, p. 07-23, 1998.

_____. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Organização: Thomas Bonnici, Lúcia Ozana Zolin. 2º ed. Maringá, PR: Eduem, p. 223-239, 2005.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Caminha: a notícia do achamento do Brasil –** Organização: Paulo Roberto Pereira – Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1991.